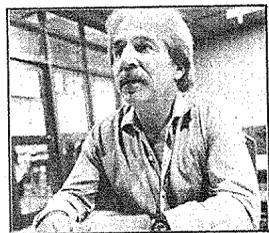
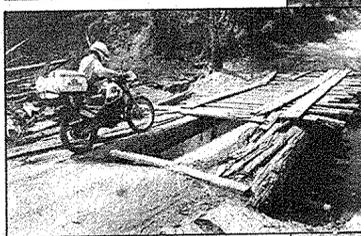


Transamazônica

O estado precário das pontes não impediu a chegada da destruição ao Pará e Tocantins. Com a estrada chegou também a violência pela disputa de terras. Pereira (abaixo) aprendeu a conviver com ela. Curió (última foto), que ficou famoso com Serra Pelada, quer uma nova corrida do ouro.



# O cemitério de árvores e homens

A estrada levou violência e devastação a esse pedaço de selva. Reportagem de Luiz Antonio Guerrero.

Em Estreito, na divisa do Maranhão com Tocantins, Josué Barbosa, motorista de caminhão, fica sabendo de nossa intenção de seguir pela Transamazônica. "Desistam: vocês não fazem ideia do sofrimento que é daqui para frente", aconselha. E aponta para a outra margem do rio Tocantins, onde fica o "Bico do Papagaio".

Estamos diante da selva. No "Bico do Papagaio", extremo norte de Tocantins, a Transamazônica atravessa quase 140 km de violência: grandes áreas de pastagem, vilarejos miseráveis guindados a município, onde vivem homens de poucas palavras. "A morte aqui é fácil", avisa um missionário que pede para não ser identificado. "Não façam muitas perguntas", aconselha. "Pode ser perigoso".

Forasteiros, como nós, não são bem-vindos por esses lados. Religiosos, muito menos. Em Imperatriz, próspera cidade maranhense assentada na margem oposta ao "Bico do Papagaio", um empresário acusava a Igreja de incentivar conflitos de terra. "Tenho umas terrinhas (3.000 hectares) no Tocantins, onde crio algum gado (2.000 cabeças)", conta. "Minhas terras foram invadidas. Sou de paz: fui falar com os invasores e me mandaram procurar o bispo". Há sempre pistoleiros disponíveis para resolver questões assim.

A nova corrida do ouro

Sem muita demora, sempre com a incômoda sensação de estarmos sendo vigiados, atravessamos o que restou da Transamazônica no Tocantins: a partir de Tocantinópolis, a 25 km de Estreito, a estrada está interrompida. Não há pontes, só erosão. Depois de 55 km, chegamos ao rio Araguaia.

Esperamos uma hora para a travessia do rio: o balseiro e seus ajudantes estavam almoçando. Até 1º de setembro, a travessia de todos os rios onde não foram construídas pontes ao longo da Transamazônica (os rios Tocantins, em Imperatriz, e Madeira, em Porto Velho, Rondônia, inclusive) era subsidiada pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, DNER. Agora, o serviço é explorado por uma firma particular, a Navegação Nova Fronteira. Há quem enfrente a correnteza do rio, como faz o "seu" Nonato, dono de um roçado de arroz em São Raimundo: "Para quem não tem o que comer, Cr\$ 20,00 (preço da travessia) é dinheiro".

Carlindo Pereira, o homem que chegou a um lugarejo chamado Água Branca sete anos antes da estrada, mostra o que aprendeu: "Só os grandes ou os espertos têm posse da terra: eu sou esperto. Tinha alguns dos melhores castanheiros do lugar e muita dor de cabeça com os invasores.



No último trecho de asfalto ainda na Paraíba, Soledade é um vilarejo perdido à margem da rodovia. Para os brasileiros que vivem aqui, ela continua sendo o sonho de dias melhores.

Vendi tudo, fiquei com um pedacinho de chão para plantar e montei este boteco. Aqui ninguém invade".

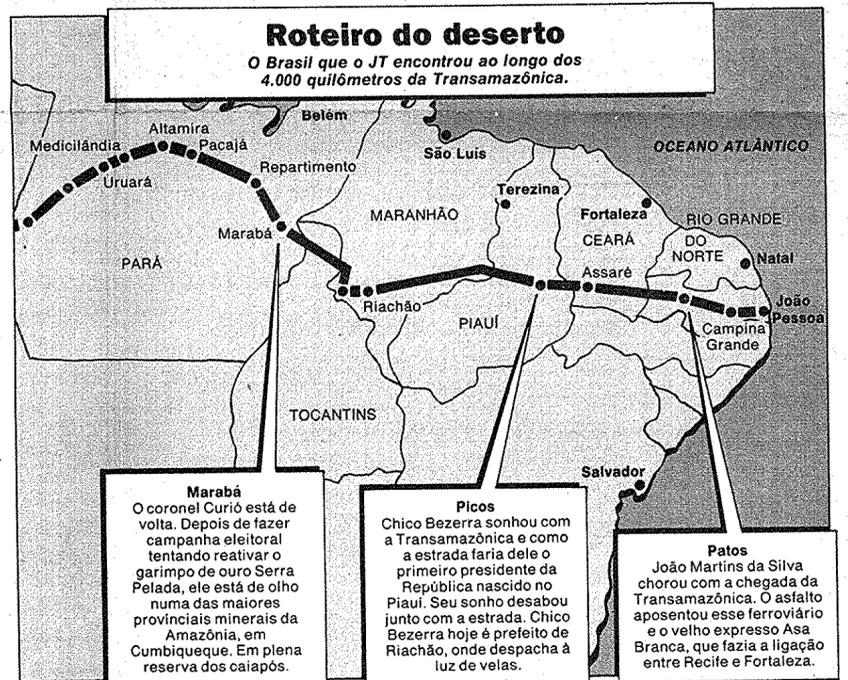
A hostilidade, aqui, também é grande. Mas conflitos de terra deixaram de ser notícia na região de Marabá: o assunto do momento é devastação. Nada mais irritante para um morador de Marabá do que ver sua cidade, em transmissão nacional, ser apontada como destruída do que resta da floresta. "Cemitério de castanheiras": é assim que Marabá aparece na TV. (*Parabá na beira da estrada para registrar a queimada. Ao nosso lado, parou uma caminhonete sem placas. "Estão procurando o quê?", perguntou um sujeito, ao lado do motorista. "Se não procuram nada, o melhor é irem andando", ordenou, mostrando uma pistola automática antes de desaparecer na poeira.*)

Trabalhar no Ibama ali não é bom negócio em Marabá. O órgão tenta fiscalizar e controlar as derrubadas na mata. E se empenha em evitar que o fogo se alastre nesta época, especialmente no polígono dos castanheiros. Por isso, seus funcionários são mal-vistos. "São uns demagogos: aprendem motosserras como se fossem armas", acu-

sa um funcionário do Sindicato dos Madeiros local.

O Ibama responde com números: 44,6% dos castanheiros foram devastados ou pelo fogo ou pelos madeiros ou pelos carneiros — outra atividade que ganha força no lugar. E para cada mil hectares de queimada autorizada, outros mil hectares são queimados ilegalmente. E mais: o Ibama acusa os grandes fazendeiros de usarem colonos na devastação. Conforme as denúncias, os fazendeiros estariam contratando colonos sem-terra como se fossem posseiros para desmatar, queimar e depois formar pastos. "Só na Fazenda Boca do Cardoso, a 70 km de Marabá, foram contratados 200 colonos que desmataram, em média, cinco hectares cada um", relata o chefe de fiscalização do Ibama, Hélio Pereira. (*Em Marabá, desmata-se até embaixo d'água. Juarez Cristiano da Silva, um técnico hidráulico da cidade, acaba de inventar a motosserra subaquática. Vem retirando toda a madeira deixada pela Capemi sob a represa de Tucuruí. "Só a parte de cima das árvores é inaproveitável. O resto é de primeira qualidade", explica.*)

"Não sei o que vai ser de Marabá", preocupa-se Arquibaldo



Almeida, ex-engenheiro do DNER, responsável pela abertura da Transamazônica na região. Marabá, lembra ele, teve altos e baixos: antes da Transamazônica, era uma vila sempre ameaçada pelas cheias dos rios Tocantins e Itacaiúnas. O acesso ao lugar só era possível pelos rios. Veio a estrada e surgiram a Nova Marabá e a Cidade Nova, erguidas em uma elevação, longe da ameaça. Com a estrada, veio o inferno — que é como Arquibaldo chama Serra Pelada, o maior garimpo de ouro a céu aberto do mundo, escavado nas proximidades. "A cidade foi invadida pelos maranhenses e acabou sendo contagiada pela febre do ouro". Tudo era vendido a peso de ouro, os preços dispararam. Chegaram moças e rapazes de hábitos e modos estranhos. Os mais deploráveis vícios chegaram junto. "Vieram as doenças venéreas, além da malária; pessoas-de-bem foram embora, pistoleiros passaram a desafiar a polícia". Marabá, quase 100 mil habitantes, experimenta uma fase de tranqüilidade. "Curio está planejando reativar Serra Pelada. Mas o garimpo jamais será o mesmo".

O major Curio — aliás, agora tenente coronel, depois da pro-

moção —, voltou à Serra Pelada, dessa vez para garimpar votos. As urnas abertas até ontem no Pará indicam que ele fracassou nessa tentativa de chegar, pela segunda vez, à Câmara Federal. Ele promete reativar, até o fim do mês, o garimpo de Serra Pelada — praticamente inativa nos últimos seis anos, desde quando foi invadida pelas águas de um lençol subterrâneo. Depois disso, 80 mil garimpeiros ficaram sem trabalho e, pelos cálculos de Curio, 60 mil passaram a invadir reservas indígenas em busca de ouro. Agora, diz ele, eles estão voltando.

"Vamos ter de 15 a 18 mil barrancos funcionando ainda neste ano", prometeu ele em campanha. Levou dragas para tirar a água da cava da mina, traçou um plano para mecanizar a lavra de ouro da mina. Foi carregado em Serra Pelada e em Curionópolis, um antigo acampamento da mina elevado à condição de cidade em 1981. Curio cita estudos de empresas estrangeiras sobre a existência de 500 toneladas de ouro ecravadas a 18 metros de profundidade na parte sul da cava. Mas o ouro de verdade não está em Serra Pelada, no entender deste ex-combatente da Guerrilha do Araguaia.

Está em um lugar chamado Cumbiqueque, não por acaso, em sua opinião, dentro de uma reserva Caiapó. "Por que você acha que o Sting, aquele roqueiro inglês, se empenhou tanto na criação desta reserva?", pergunta. "Não foi por causa dos índios", insinua. Lápis e papel nas mãos, Curio explica sua teoria: "Veja este triângulo formado por Serra Pelada, Tucumã e Cumaru", mostra. "Ora, todo mundo que assiste filmes do Velho Oeste sabe que o Eldorado fica no centro do triângulo: É aqui que estão as maiores jazidas de ouro deste País!". Curio amassa o papel e o guarda. Seus olhos brilham.

Em seguida, acusa a "indústria da posse de terras": "A pior é a posse ideológica. Graças a Deus este problema foi resolvido no sul do Pará com a prisão daqueles padres comunistas. (Ele se refere aos padres franceses François Gourriou e Aristides Camio, expulsos do Brasil em 81). Para Curio a Transamazônica tem duas faces: "Mal, porque não teve planejamento. Bem, porque foi por este caminho que chegou Genésio, o nordestino que acabou descobrindo minha menina-moça". Menina-moça: é assim que Curio refere-se à Serra Pelada.

Viaje amanhã com o JT pelo trecho mais acidentado da Transamazônica